

Literatura chicana – memórias e luta política: entrevista com a escritora Lucha Corpi /

Chicano/a literature – memories and political struggle: interview with author Lucha Corpi

Juliana Machado Meanda*

Doutoranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de inglês do Programa de Línguas Estrangeiras Modernas (PROLEM) na UFF.

 <http://orcid.org/0000-0002-0531-9729>

Recebido: 02 mar. 2020. **Aprovado:** 27 mai. 2020.

Como citar esta entrevista:

MEANDA, Juliana Machado. Literatura chicana – memórias e luta política: entrevista com a escritora Lucha Corpi. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 2, p. 311-324, maio 2020.

RESUMO

Lucha Corpi é uma das escritoras pioneiras da literatura chicana feminina. Reconhecida e premiada, iniciou a publicação de suas obras ao fim da década de 1970 e permanece em atividade até os dias de hoje. Nesta entrevista, concedida por e-mail em setembro de 2018, ela fala sobre suas memórias pessoais, contando sobre os diversos aspectos que influenciaram a sua vocação literária – desde sua infância e adolescência no México, passando por sua migração para os Estados Unidos na década de 1960, sua carreira como professora e sua autodescoberta como escritora, além de sua identidade chicana. Ela relata ainda a sua chegada aos Estados Unidos, em plena efervescência do movimento pelos direitos civis, e como o Movimento Chicano a influenciou não apenas pessoalmente mas também em relação à sua escrita, o que é possível perceber diretamente em sua série de ficção detetivesca, que promove uma releitura histórica ao resgatar diversos episódios e símbolos daquele movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria feminina; Literatura chicana; Memória; Migração.

ABSTRACT

Lucha Corpi is one of the pioneering writers of Chicana/o literature. Renowned and awarded, she started publishing her works at the end of the 1970s and remains active until today. In this interview, given by e-mail in September 2018, she talks about her personal memories, telling about the various aspects that influenced her literary vocation – from her childhood and adolescence in Mexico, through her migration to the United States in the 1960s, her career as a teacher and her self-discovery as a writer, in addition to her Chicana identity. She also reports her arrival in the United States, at the height of the civil rights movement, and how the Chicano Movement influenced her not only personally but also in relation to her writing, which is possible to observe directly in her detective fiction series, that promotes a historical reinterpretation by recovering several episodes and symbols of that movement.

KEYWORDS: Female authorship; Chicana/o literature; Memory; Migration.

*

 julianameanda@id.uff.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i2.1727>

Lucha Corpi, escritora nascida no México e residente dos Estados Unidos, é uma das autoras pioneiras da literatura chicana e precursora da ficção detetivesca feminina chicana, sendo um de seus nomes mais conhecidos. Ela migrou para aquele país com apenas 19 anos de idade, em 1964 e sua chegada foi na cidade de Berkeley, Califórnia, local e época de grande agitação política e cultural, em plena efervescência dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos. Dentre os grupos que reivindicavam justiça social estavam os chicanos – termo que pode designar tanto mexicanos residentes dos Estados Unidos, como a autora, quanto nascidos em território estadunidense de ascendência mexicana. Embora seja uma poeta e romancista reconhecida e premiada, sua trajetória literária foi desenvolvida em paralelo à sua carreira como professora em tempo integral. Quando migrou para os Estados Unidos, Lucha não sabia a língua inglesa, mas superou esta barreira, participou dos movimentos pelos direitos civis das mulheres e dos chicanos e mais tarde tornou-se professora de inglês como segunda língua, ajudando imigrantes em sua adaptação ao país, como ela própria havia vivenciado. Ela ainda estudou na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde obteve o título de bacharel em Literatura Comparada, e mais tarde concluiu o mestrado em Literatura Mundial e Comparada na Universidade do Estado de São Francisco.

Lucha possui múltiplas facetas como escritora, evidenciando sua versatilidade e seu hibridismo cultural: publicou poesia em espanhol, prosa em inglês e literatura infantil bilíngue, dentre outros gêneros.¹ Ela começou a escrever após um difícil divórcio, inicialmente para extravasar suas próprias dores como mulher e imigrante, em uma época em que trabalhava, fazia faculdade e era mãe solteira. Sua poesia, escrita em sua língua materna, o espanhol, foi publicada pela primeira vez em uma coletânea em 1976 e em 1989 ela publicou sua primeira obra de ficção, em língua inglesa. Ela ainda se mantém ativa na escrita e seu último livro, de memórias pessoais, foi lançado em 2014 pela editora que publica grande parte de sua obra, a *Arte Público Press*, cujo foco é a produção literária latina nos Estados Unidos. A autora traz em sua escrita muito do que experienciou em sua própria vida e sua ficção detetivesca é especialmente influenciada pelo Movimento Chicano das décadas de 1960 e 1970, com a inserção de figuras representativas, símbolos e episódios marcantes para esta coletividade. Em sua série detetivesca, Lucha resgata aspectos históricos e culturais chicanos que evidenciam injustiças sociais e questões políticas que fazem parte de seu grupo étnico, levantando ainda questões de gênero. Sua escrita empreende

¹ Ao fim desta entrevista, segue uma lista da bibliografia completa de Lucha Corpi até o momento.

movimentos contra-hegemônicos, apresentando identidades historicamente subalternizadas, e se coloca como uma forma de resistência cultural, evidenciando um forte teor político.

Tive o privilégio de estabelecer contato com a autora via internet, que generosamente concedeu esta entrevista por e-mail, originalmente em inglês e livremente traduzida por mim para o português. As perguntas a seguir foram respondidas em 30 de setembro de 2018.

Juliana Meanda (JM): Você nasceu em 13 de abril de 1945 como Luz del Carmen Corpi Constantino, acrescentando Hernández quando se casou pela primeira vez. “Lucha” é seu apelido desde criança, mas é também um nome forte, que significa “luta” em espanhol. Você poderia contar um pouco a história de seu nome?

Lucha Corpi (LC): Culturalmente, é costume apelidar de Lucha alguém cujo nome é Luz. Lucha é um nome que soa áspero, e de fato significa “luta” ou “combate”; já Luz del Carmen é um nome melódico e mais suave, que remete a claridade e a pomar ou jardim. Minhas razões para adotar o nome Lucha Corpi como meu nome legal tem a ver com o fato de que amigos e familiares sempre me chamaram de Lucha, ou ainda pelo diminutivo Luchita. Corpi é meu nome paterno e Constantino meu nome materno. Depois de uma vida inteira lidando com muitas versões do meu nome, decidi usar meu nome de escritora também como meu nome legal, quando me tornei cidadã estadunidense. De uma vez por todas, eu era Lucha Corpi. Fiquei feliz com a minha decisão, pois finalmente tive um nome de minha escolha, que me definiu não apenas como pessoa, mas também como poeta e escritora.

JM: Você nasceu na pequena cidade de Jáltipan, no México, um povoado de forte tradição oral na área musical e de contação de histórias, onde passou a maior parte da sua infância. Mais tarde, você se mudou com sua família para San Luis Potosí, uma cidade bem maior. Como foi essa mudança para você?

LC: Eu me mudei para San Luis com a minha família no início de 1952, prestes a entrar em meu oitavo ano de vida. Essa cidade era o oposto daquela onde nasci – Jáltipan era uma pequena cidade tropical, quente e úmida, com estações chuvosas no verão e no inverno. Já San Luis era uma cidade alta, com uma população cerca de cem vezes maior do que Jáltipan, de clima bastante seco e muito frio no inverno. De certa forma, foi uma experiência muito traumática. Porém, eu tinha fácil acesso a escolas muito boas e a uma das melhores universidades do centro do

México. Minha irmã e eu tivemos acesso à melhor educação que meus pais podiam pagar, igual à que meus irmãos também receberam.

JM: Foi em San Luis Potosí onde você foi para a faculdade pela primeira vez, para estudar Odontologia. Como você poderia descrever esse momento de sua vida?

LC: Eu não posso dizer que odiei meus anos na faculdade de Odontologia. No entanto, no meu terceiro ano, tivemos que fazer clínica dentária e praticar nos pacientes. A primeira vez que eu olhei para uma boca aberta, eu sabia que não tinha nascido para ser dentista, mas meus pais já haviam investido muito dinheiro em mensalidades, livros e materiais odontológicos, então eu não podia simplesmente abandonar o curso. Além disso, eu não sabia como contrapor o argumento do meu pai de que a odontologia me permitiria ganhar o suficiente por conta própria e ser independente. Trabalhando apenas algumas horas por dia, eu poderia ganhar o suficiente para criar uma família. Além disso, eu seria capaz de cuidar de meus filhos e de outras demandas domésticas e não precisaria trabalhar para um homem, que poderia abusar de mim ou me humilhar. Eu poderia ter tudo. Meu pai sempre apelava para a minha lógica quando ele tentava me convencer de que algo era bom para mim, então ele me convenceu e eu aceitei seguir carreira em odontologia. Durante a adolescência em San Luis, aceitei a ideia de que abriria meu próprio consultório odontológico depois que terminasse a faculdade e se tudo corresse bem, eu teria recursos para viajar para a Europa, especialmente Paris e outras cidades da França e Itália. Eu não tinha a intenção de viajar aos Estados Unidos, exceto talvez para cidades como Chicago e Nova York. Mas o destino me reservou outros caminhos e acabei na área da baía de São Francisco, Califórnia.

JM: Foi nessa época da faculdade que você conheceu Guillermo Hernández, com quem se casaria mais tarde e com quem se mudaria para os Estados Unidos, certo?

LC: Em agosto de 1964, na metade do meu terceiro ano de odontologia, minha vida em San Luis havia se tornado rotina. Naquela época, conheci e me apaixonei por Guillermo, que já havia morado nos Estados Unidos e frequentado a Cal Poly [*California Polytechnic State University* - Universidade Estadual Politécnica da Califórnia] em San Luis Obispo por alguns anos. Ele sabia bem inglês e tinha visto de residente nos Estados Unidos. Depois de um namoro de três anos e devido aos planos de Guillermo de voltar para a Califórnia e estudar na U.C. Berkeley, decidimos nos casar e mudar para lá. Eu não tinha pensado em me casar naquela época, nem havia sonhado

em me mudar para os Estados Unidos, longe de tudo o que me era familiar e daqueles que eu tanto amava. Eu havia estudado francês em vez de inglês como língua estrangeira no ensino médio, pensando que talvez um dia eu pudesse experimentar pessoalmente a cultura francesa/parisiense. Tudo o que eu sabia sobre a vida nos Estados Unidos e na Califórnia era o que eu tinha visto retratado em filmes estadunidenses com dublagem em espanhol. Pelo menos a Califórnia não estava no outro extremo do mundo e poderíamos visitar nossas famílias no México.

JM: Como Guillermo a influenciou em relação à literatura?

LC: Guillermo era um ávido leitor de literatura mexicana, latino-americana e espanhola. Ele estava interessado em como os mouros e outros grupos do Oriente Médio haviam influenciado a cultura, língua e literatura espanholas. Ele havia lido autores estadunidenses e britânicos em inglês, e durante o nosso namoro, ele me deu para ler as traduções para o espanhol de muitos desses livros, e nós os discutíamos. Através dessa interação, meu amor pela narrativa, e em particular pela poesia, cresceu ainda mais do que quando eu era uma menina em Jáltipan. Guillermo estava um tanto interessado em política, e seu compromisso político cresceu quando ele se envolveu no movimento estudantil chicano no final dos anos 1960 e 1970.

JM: Como você se sentiu ao migrar para os Estados Unidos?

LC: Ser imigrante em qualquer país do mundo pode ser uma jornada de descoberta emocionante que pode trazer prazer em um momento e tristeza e nostalgia em outro. Essa sensação pode levar às lágrimas quando surge uma lembrança de quem você tinha sido antes, das coisas e das pessoas que você amava e deixou para trás. Então, tudo era novo, desafiador, mas também excitante no meu novo mundo. Eu sou uma solucionadora de problemas e um tipo de pessoa voltada para desafios, por isso, tentar encontrar soluções para meus problemas me fez continuar. Embora minha vida em casa fosse rotina doméstica e eu não tivesse amigos nem vida social, eu tinha necessidades que precisavam ser satisfeitas e tinha que aprender a navegar uma cultura e uma língua estranhas para mim, então me matriculei em um curso de inglês para estrangeiros, oferecido através das escolas públicas de Berkeley.

JM: Você planejou ser mãe?

LC: Guillermo e eu conversamos e decidimos que era hora de ter um bebê, na primavera de 1966 e nosso filho Arturo nasceu em 1967. Eu havia feito cursos de secretariado em Oakland

e em 1968 fui trabalhar como estenógrafa em São Francisco. A viagem diária foi brutal. Eu estava longe do meu bebê durante todo o dia e isso se tornou insustentável, então decidi candidatar-me a um emprego na U.C. Berkeley. Meu primeiro trabalho foi como recepcionista do Centro de Educação Superior, depois como secretária do Projeto Latino de treinamento de professores, liderado pelo professor Astúrias, que também se tornou coordenador interino do Programa de Estudos Chicanos.

JM: Como ficou sua vida logo após o divórcio?

LC: Guillermo ficou em Berkeley. Depois que ele obteve seu Ph.D., ele conseguiu um emprego como professor na UCLA [*University of California, Los Angeles* - Universidade da Califórnia em Los Angeles]. Quando decidi deixar Guillermo e sair de casa, tive uma sensação profunda dentro de mim de que seria para sempre. Eu o amava muito e me doeu demais me separar dele. O que se seguiu a essa decisão foram os meus “anos magros” – anos de solidão, porque decidi não voltar ao México e, em vez disso, criei uma vida para Arturo e para mim em Oakland-Berkeley. Foi nesse período que comecei a escrever. A página em branco tornou-se minha confidente e melhor amiga.

JM: Como foi a descoberta da escrita para você?

LC: Comecei a escrever em 1970. Não dava nome ao que fazia. Era simplesmente uma necessidade urgente de colocar no papel tudo o que me afligia, o que faltava em minha vida e o que me enchia de encantamento, o que me movia emocional e intelectualmente para explorar e aceitar quem eu realmente era. Ser uma mulher divorciada e mãe solteira em uma terra estrangeira e sem uma rede de apoio emocional contribuiu para meus sentimentos de isolamento e solidão. A necessidade de explorar esses sentimentos, de exorcizá-los, era uma força motivadora para escrevê-los em versos e narrativas curtas. Sentava à minha mesa tarde da noite diariamente, quando a casa estava silenciosa, meu filho dormindo e tudo pronto para o dia seguinte. Eu escrevia o que me vinha à cabeça. Não importava se o que eu escrevia era bom ou não. Logo comecei a ansiar por minhas sessões noturnas de escrita. Certa noite, depois que terminei um conjunto de três poemas, intitulados *Os Poemas de Marina*, fui tomada por uma sensação de felicidade. Eu estava ofegante. Bem no fundo, senti que havia cruzado uma linha, atravessado um portal que levava a um novo plano mental e emocional, a uma nova consciência, de me tornar completa. Eu havia encontrado minhas respostas pessoais quanto às questões fundamentais de quem eu era e

por que estava neste mundo. Eu havia encontrado meu destino, tal como minha avó havia explicado para mim muitos anos antes.

JM: O que você pensa sobre destino?

LC: Serendipidade às vezes tem muito a ver com encontrar quem nós fomos feitos para ser e o que fomos destinados a fazer na vida. Reconhecer as mensagens do destino requer um confronto com a imagem de nós mesmos quanto a quem nós pensamos que somos e a aceitação de quem e do que realmente somos. Às vezes, também significa desistir de algo para preservar nossos sonhos e nos manter em um caminho para cumpri-los. Algumas pessoas querem perseguir metas tangíveis, outras seguem suas fantasias, mesmo que lhes falte o que é necessário para realizá-las. Nada é dado na vida. Tive a sorte de descobrir a poeta e escritora em mim e estou feliz por ter decidido aceitar os desafios que a prática dessas artes exigiria de mim.

JM: Você entrou para a Universidade da Califórnia, em Berkeley, para estudar Literatura Comparada. Por que você decidiu fazer este curso?

LC: Gostei da flexibilidade e compreensão mais ampla que o estudo de duas ou mais literaturas e das culturas que as definem podiam oferecer. A perspectiva cultural só pode ser alcançada se a pessoa estiver aberta e não for crítica demais e tiver mais do que conhecimento da língua. As perspectivas linguísticas e culturais bilíngues ajudaram a me desenvolver como poeta e depois como escritora. O tema de poemas e histórias, mesmo quando escritos em espanhol, foi alimentado por duas correntes linguísticas e culturais. A maior parte do que eu lia naquela época tinha a ver com o preenchimento de requisitos para o meu curso em duas literaturas, em língua espanhola e inglesa. Além disso, eu lia poesia em espanhol, não necessariamente exigida para o meu curso, e textos de poetisas e escritoras/es chicanas/os contemporâneas/os, como Lorna Dee Cervantes, Rudolfo Anaya, Rolando Hinojosa, Bernice Zamora, entre outros. A lista cresceu ainda mais em meados da década de 1970 e início de 1980, quando a segunda e terceira gerações de poetisas e escritoras/es chicanas/os e latinas/os emergiram plenamente.

JM: Como você enfrentou ser mãe solteira, trabalhar e estudar?

LC: Foi difícil, mas eu sabia que não sobreviveria sem ter uma carreira a longo prazo. Isso tinha que ser feito dia a dia, até eu me formar. Eu sabia que em algum momento eu teria meu

diploma e depois encontraria o tipo de trabalho que proveria financeiramente o suficiente para Arturo e eu. Mas eu queria um emprego em que fizesse algo de que gostasse também e o ensino de línguas cumpriu esse requisito. Eu tinha empréstimos e taxas de despesas escolares para pagar, como mensalidades e livros. Eu também trabalhava uma parte do dia como secretária, para ter uma renda estável.

JM: Quando e como você começou a trabalhar como professora?

LC: Depois que me formei, eu já estava dando aula em uma turma de inglês como segunda língua para adultos falantes de espanhol nas escolas públicas de Oakland. Durante todo esse tempo, eu já morava em Oakland, onde ainda moro. Comecei a ensinar principalmente porque conseguia ganhar três vezes mais do que ganhava como secretária e eu tinha que pagar os empréstimos feitos para meus estudos. Em um mês como professora de inglês como segunda língua, percebi que até então eu nunca havia me sentido tão realizada e feliz como enquanto lecionava. Quando entrava na minha sala de aula, por quatro horas nada era mais importante do que encontrar maneiras de explicar vocabulário útil e dar aos alunos as habilidades necessárias para navegar em sua nova cultura, obter emprego, se comunicar com os professores de seus filhos e outros cuidadores. Transmitir o conhecimento que eu havia adquirido como imigrante era muito importante. Preparar lições pertinentes e úteis para eles todos os dias era uma alegria também. Eu lia textos sobre a história de Oakland e outros livros e manuais de informações úteis, para que eu pudesse apontar meus alunos na direção certa quando eles precisassem. Elaborava aulas relevantes, que os ensinariam a navegar pelas instituições do governo dos Estados Unidos, agências estaduais e locais que ofereciam assistência a refugiados e imigrantes de outros países. Meus primeiros cursos como professora de inglês como segunda língua foram frequentados principalmente por falantes de espanhol. Mais tarde, quando me mudei para outra escola, tive alunos de todo o mundo, que eram vizinhos em áreas etnicamente integradas de Oakland. Certa vez, contei as línguas principais e secundárias faladas em Oakland diariamente e cheguei a cerca de 80!

JM: Você poderia contar sobre a época em que estava cursando seu mestrado na Universidade do Estado de São Francisco?

LC: Eu cursei o mestrado em Literatura Mundial e Comparada por razões profissionais e pessoais. Primeiro, meu salário aumentaria consideravelmente, o que possibilitaria as viagens de

Arturo a San Luis todos os verões como menor desacompanhado. Ele aproveitaria a experiência de conviver com nossa família no México, com muitas crianças da sua idade e também aprenderia bem o espanhol. Outra razão importante para mim foi o puro prazer de ler livros, mesmo que em tradução para o inglês, de outras literaturas do mundo, além de visitar os clássicos da literatura mundial. Para meu próprio prazer, sempre li poesia em espanhol e inglês. Eu lia romances de autores mexicanos e latino-americanos em espanhol sempre que possível. Eu também lia romances criminais² contemporâneos em inglês de tempos em tempos, além das obras literárias exigidas para meu diploma em Literatura Comparada. Ainda leio poesia e, de tempos em tempos, um romance criminal.

JM: A protagonista da maioria das obras de sua série detetivesca é Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana, que possui uma espécie de percepção extrassensorial, através de sonhos e visões, que chama de “dom sombrio”. Como você constrói seus romances criminais?

LC: Geralmente o próprio mistério começa com uma das visões de Gloria. Minha detetive me dá uma ideia sobre a investigação através dessa primeira visão. Ao explorar essa visão original, antes de começar a escrever, começo a pensar sobre as coisas que preciso pesquisar, com base nas informações que consigo coletar dela. Como tenho uma ideia geral e pouquíssimos detalhes, tenho uma tendência a pesquisar demais, mas isso é bom. Quanto mais eu sei sobre o pano de fundo e o primeiro plano para o romance, mais me sinto segura sobre o que deve acontecer na narrativa. Então, circunstâncias pertinentes se desenvolvem e se tornam mais claras. Não gosto de me afastar da escrita para pesquisar temas importantes. No entanto, de tempos em tempos, eu verifico novamente alguns detalhes menores em relação à precisão.

JM: Como surgiu o “dom sombrio” de Gloria Damasco?

LC: Senti isso nela e comecei a entender não apenas lendo sobre isso, mas também explorando a possibilidade de que pessoas como ela existem. Quando imaginei Gloria Damasco pela primeira vez, ela pareceu real para mim. Eu ouvia a voz dela na minha cabeça e,

² Utilizo “romance criminal” para traduzir o termo em inglês “*crime novel*”, em lugar do termo mais popular em português “romance policial”. “Romance criminal” indica um gênero que se ocupa não apenas do escopo da instituição policial, mas que engloba também o lado do crime e/ou da investigação particular. Já o termo “ficção detetivesca” se refere às narrativas em que o enfoque é a investigação do crime, que pode ser conduzida tanto pela instituição policial como por meio de investigação particular.

instintivamente, sabia que era ela. Ela me disse que tinha um “dom sombrio”. Então, se Gloria me diz que tem um “dom obscuro”, o dom da percepção extrassensorial, acredito nela. Meu trabalho, então, é ler sobre isso, pesquisar de todas as maneiras à minha disposição. Mas não com a intenção de ser eu mesma uma praticante de uma arte divinatória, mas para construir meu conhecimento para poder escrever sobre ele em nome de Gloria. Essa é a minha regra para todos os personagens dos meus livros. E, às vezes, esse processo requer a compreensão dos personagens em um nível intuitivo. É o mesmo processo com todos os personagens, maiores ou menores. Eu não imponho meu gosto ou conjunto de crenças em nenhum deles. Eu também não os julgo, nem mesmo os criminosos ou assassinos ou os detetives. “Não julgue seus personagens”. Eu acredito que essa é a regra número 1 para qualquer escritor. Às vezes, os personagens lembram pessoas que conheci na vida real. Eles também podem se assemelhar ou não a pessoas reais na vida dos leitores.

JM: Sua série de ficção detetivesca traz importantes momentos históricos para a comunidade chicana. Como se dá sua pesquisa para explorar esses temas em seus romances?

LC: Na luta chicana pela autodeterminação há momentos históricos, como a Marcha da Moratória Chicana em Los Angeles, que serve como pano de fundo histórico para *Eulogy for a Brown Angel*. O Movimento dos Trabalhadores Agrícolas em *Cactus Blood*. Em *Black Widow's Wardrobe*, a procissão do Dia dos Mortos (*día de los muertos*) em São Francisco serve como ponto de partida para a história de Licia Lecuona, que acredita ser a reencarnação de Malintzin Tenepal, também conhecida como La Malinche. Tais eventos servem como âncoras para a narrativa em todas as narrativas criminais. Eu não estava interessada em escrever a narrativa tradicional de crime. O romance criminal se presta a destacar momentos históricos específicos. Mas a arte do romancista *noir* é poder adicionar textura à narrativa e tecer perfeitamente esses eventos históricos como veículos ou cenários para a história detetivesca.

JM: Você participou do ativismo durante o Movimento Chicano de direitos civis?

LC: Tendo um filho pequeno que sofria de asma, eu ficava relutante em levá-lo comigo para grandes eventos que poderiam ser estressantes para ele e onde eu não pudesse protegê-lo. Então eu não fui a grandes manifestações ou marchas, particularmente onde havia a possibilidade de violência contra os manifestantes por parte das autoridades. Apoiar as nossas comunidades foi

o principal ponto para todos. Havia tanta coisa que precisava ser feita, como para garantir que os estudantes se tornassem competitivos para entrar nos sistemas universitários da Califórnia. Era importante contribuir na medida em que cada um de nós pudesse, em todos os níveis do Movimento Chicano. Fiz piquete do lado de fora dos mercados da *Safeway* [rede de supermercados estadunidense] para impedir que a administração comprasse uvas de produtores que não eram da UFW [*United Farm Workers* - sindicato de trabalhadores agrícolas]. Duas noites por semana e duas horas aos sábados, eu era voluntária como assistente de dentista na Clínica de La Raza³ em Oakland. Também servi como tradutora e intérprete para membros da comunidade através do nosso trabalho no Comitê Popular de La Raza. Eu participei mais de atividades de protesto locais. Na U.C. Berkeley, eu era representante dos estudantes no Comitê Executivo de Estudos Étnicos, formado por professores, estudantes e outros organizadores comunitários. Mais tarde, enquanto eu era instrutora da faculdade comunitária, chamei os professores de meio-período em nome da faculdade comunitária da Federação Americana de Professores para auxiliar em seu recrutamento como membros do sindicato. Estas são algumas das atividades que prontamente vêm à minha memória.

JM: Como era seu relacionamento com outras/os poetisas e escritoras/es chicanas/os nos anos 1960 e 1970? Como você vê essa comunidade hoje em dia?

LC: Eu vejo nossa literatura em particular como sendo arquivada em uma pirâmide com muitos degraus intransponíveis para o topo e com câmaras geracionais nela, principalmente ocupadas por poetisas e escritores chicanos/latinos. Nas décadas de 1960/70 e até meados de 1980, na Califórnia e em todo o sudoeste dos Estados Unidos, havia chicanas e latinas escrevendo, porém mais atenção era dada aos poetisas e escritores homens. Muitas chicanas e latinas tinham dificuldade em ser publicadas. Eu diria que fizemos o nosso caminho para a parte de trás da pirâmide e entramos. Uma vez dentro, nós permanecemos dentro. Na primeira geração de poetisas e escritoras chicanas e latinas da Califórnia e do sudoeste estavam Bernice Zamora, Gloria Anzaldúa, Lorna Dee Cervantes, Barbara Brinson Curiel, Alma Luz Villanueva, Naomi Quiñonez, Carmen Tafolla, Angela de Hoyos, Mary Helen Ponce, Miriam Bornstein, Inés Hernández, Margarita Cota-Cárdenas, Rosemary Catácalos, Judith Ortiz Cofer, para citar algumas, que foram publicadas e com quem participei de leituras públicas de poesia na Califórnia

³ *Raza* (raça em espanhol) é outro termo adotado pelos chicanos, que engloba a comunidade chicana como um todo, ressaltando seu aspecto étnico-racial.

e em outras cidades do sudoeste. Esse primeiro grupo foi seguido por poetas e escritoras chicanas/latinas que entraram na pirâmide literária pela porta da frente, embora em muitos aspectos elas ainda fossem percebidas pela autoridade masculina como menos dignas do que seus correspondentes masculinos.

JM: Como você percebe seu papel como escritora e o lugar da literatura chicana, especialmente dentro da literatura estadunidense?

LC: Tem sido uma batalha difícil para todos os envolvidos na escalada da pirâmide literária dos Estados Unidos. Houve um tempo em que os textos chicanos eram mais conhecidos e estudados em Cuba, Porto Rico, França, Alemanha, Dinamarca, Itália, Rússia e outras nações da Europa do que nos Estados Unidos. No entanto, essa realidade deu ímpeto aos nossos esforços para construir uma pirâmide literária e artística própria. Meu principal papel é cumprir meu destino como poeta e escritora – isto é, escrever. Minhas escolhas de temas e assuntos para escrever são minhas prerrogativas. Eu incluí temas mexicanos e chicanos em meu trabalho literário, tanto em espanhol como em inglês, simplesmente porque me sinto em casa explorando esses assuntos. Eu promovo a literatura chicana através da participação em várias organizações, buscando abrir caminhos, tanto quanto possível, para as próximas gerações de poetas e escritoras/es chicanas/os.

JM: Você se aposentou do ensino em 2005. Como está sua rotina de escrita agora?

LC: Eu amava ensinar, e agora sou uma professora aposentada. Mas a minha necessidade de escrever ainda governa a minha vida. Então agora dedico meu tempo e energia para escrever. Meu lema sempre foi: não fique deitada em seu leito de morte dizendo “eu poderia ter escrito.” Eu ainda sigo essa regra. Eu ainda escrevo em espanhol e inglês. Narrativas curtas, poesia, ensaio pessoal, e agora trabalho em um manuscrito “híbrido” que me desafia.

JM: Você poderia comentar a situação atual das chicanas e latinas nos Estados Unidos, especialmente durante o governo Trump?

LC: Pode haver latinas que o apoiem, mas eu não conheço nenhuma em meu ambiente imediato ou nas mídias sociais. Uma coisa é óbvia em todo o debate pró ou contra Trump: nós, mulheres, pensávamos que tínhamos feito grandes progressos em termos de igualdade no emprego e em serviços de apoio às mulheres. Agora, percebemos que muito mais tem que ser

feito com relação à igualdade de oportunidades no local de trabalho, tanto no governo quanto no meio social para mulheres de cor.⁴ Nós também temos lidado com a divisão racial entre as mulheres nos Estados Unidos. A maioria das mulheres que apoiam Trump parecem ser de origem da classe média trabalhadora [branca]. Elas acham que as oportunidades de empregos bem remunerados e as perspectivas de trabalho em fábricas ou mineração para seus maridos são menores devido às proteções ambientais. Além disso, acham que a maioria dos outros empregos são concedidos a pessoas de cor, enquanto as necessidades dos brancos são ignoradas ou deixadas de lado em todos os níveis. Nós chicanas/os e latinas/os ainda temos muito trabalho a fazer em todos os níveis para obter igualdade. A luta continua. Quanto ao Sr. Trump e suas táticas divisivas, vou citar a sabedoria popular e dizer: “Cada santo (e cada Trump) tem seu dia.”⁵ Que isso aconteça mais cedo do que tarde. Amém.

Bibliografia da autora:

- *Confessions of a Book Burner: Personal Essays and Stories* (memórias e relatos pessoais). Arte Público Press, 2014.
- *The Triple Banana Split Boy/El niño goloso* (literatura infantil bilíngue inglês-espanhol). Arte Público Press, 2009.
- *Death at Solstice: A Gloria Damasco Mystery* (ficção detetivesca). Arte Público Press, 2009.
- *Crimson Moon: A Brown Angel Mystery* (ficção detetivesca). Arte Público Press, 2004.
- *Black Widow's Wardrobe: a Gloria Damasco Mystery* (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1999.
- *Where Fireflies Dance/Ahí, donde bailan las luciérnagas* (literatura infantil bilíngue inglês-espanhol). Children's Book Press, 1997 (reeditado em 2013 por Lee & Low Publishers).
- *Máscaras* (organizadora – compilação de ensaios de escritoras latinas contemporâneas nos Estados Unidos). Third Woman Press, 1997.
- *Cactus Blood: a Gloria Damasco Mystery* (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1995.
- *Eulogy for a Brown Angel: a Gloria Damasco Mystery* (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1992.

⁴ Em inglês, o termo “*women of color*” expressa uma ideia de mulheres que não são categorizadas como brancas, isto é, que são pertencentes a minorias em termos de raça/etnia.

⁵ Lucha faz a citação de um provérbio em espanhol que indica que a história pode um dia fazer justiça: “*A cada santo (y a cada Trump) se le llega su día.*”

- *Variaciones sobre una Tempestad/Variations on a Storm* (poesia em espanhol – tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Third Woman Press, 1990.
- *Delia's Song* (ficção). Arte Público Press, 1989.
- *Palabras de Mediodía/Noon Words* (poesia em espanhol – tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Fuego de Aztlan, 1980 (reeditado em 2001 pela Arte Público Press).
- *Fireflight: Three Latin American Poets* (coletânea de poesia – com Elsie Alvarado de Ricord e Concha Michel; tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Oyez, 1976.